

daniela
arbex

**todo dia
a mesma
noite**

a história
não
contada
da boate
kiss

DANIELA ARBEX

Todo dia a mesma noite



Copyright © 2018 by Daniela Arbex

PREPARAÇÃO
Kathia Ferreira
Diogo Henriques

REVISÃO
Laís Curvão
Ana Grillo

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA
Thiago Lacaz

FOTOS DO ENCARTE
Marizilda Cruppe

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A694t

Arbex, Daniela

Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss / Daniela Arbex.

- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.

240 p. ; 21 cm.

Inclui caderno de fotos

ISBN: 978-85-510-0285-8

1. Reportagem e repórteres. 2. Entrevistas (Jornalismo). 3. Jornalismo. I. Título

17-45726

CDD: 070.43

CDU: 070.4

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Durmo nas imagens e lembranças.
As vozes se misturam na minha mente.
O tempo não passa.*

Paulo Tadeu Nunes de Carvalho,
pai de Rafael, 32 anos, morto na boate Kiss

SUMÁRIO

Prefácio: Um inventário de afetos, por Marcelo Canellas9

I. É guerra!	13
II. Sinfonia da tragédia	31
III. Histórias cruzadas	51
IV. Um encontro inesperado	65
V. Desaparecidas	83
VI. Quando a política vem na frente da dor	97
VII. O corpo número vinte	109
VIII. Embarcando o filho	125
IX. Penúltimo ato	137
X. Com choro e sem vela	149
XI. “Holocausto dos tempos modernos”	161
XII. Abrindo os olhos	175
XIII. Todo dia é 27	185

XIV. Fechando os olhos	193
XV. Quarenta segundos	215
XVI. Tenda da resistência	227
<i>Agradecimentos</i>	235

PREFÁCIO: UM INVENTÁRIO DE AFETOS

Marcelo Canellas

Kiss. O monossílabo em inglês, cujo som pronunciado nos entra pelo ouvido como o estalar de uma bitoca, agora trespassa sua acepção estrita. Seu significado literal se esvaziou de sentido. Tragédias são episódios tão avassaladoramente destrutivos da rotina esperada, tão perturbadoramente desarrumadores da ordem natural, tão violentamente instauradores da ruína e do caos, que nem mesmo a semântica se mantém de pé. Desde a madrugada de 27 de janeiro de 2013, a bela palavra *kiss* evoca dor, perplexidade, ganância, omissão, injustiça e tantos outros sentimentos e percepções inflados pela falta e pelo abandono. Estaríamos todos condenados ao pessimismo e ao desespero, se os escritores, com a força das grandes histórias, não nos restaurassem a humanidade solapada pelas catástrofes. É o caso deste livro espantoso. O talento de Daniela Arbex – já comprovado em

suas obras anteriores, *Cova 312* e o best-seller *Holocausto brasileiro*, um fenômeno editorial medido em centenas de milhares de exemplares vendidos – recupera a tradição grega de buscar, naquilo que há de belo em uma grande narrativa, o alívio que nos conforta diante do trágico.

Para recontar a história das 242 vítimas da boate Kiss, incendiada naquela madrugada, Daniela Arbex recorre ao ponto de vista dos principais protagonistas do episódio: os sobreviventes, as testemunhas, os parentes das vítimas, os profissionais da saúde que atuaram no resgate e no atendimento em meio ao desastre. Pelos olhos dessas pessoas, a autora nos leva de volta ao 27 de janeiro, a uma Santa Maria atônita e incrédula que, antes de velar seus mortos, teve de juntar santinhos, notas de dinheiro dobradas, identidades, cartões de bancos, batons, chaves e celulares, muitos celulares. Num deles, o visor trazia, ao lado da palavra “mãe”, 134 chamadas não atendidas. Cada objeto desses diz muito sobre essas mães, sobre esses pais, seus filhos, e sobre uma cidade jovem, com vocação para acalentar sonhos, uma fábrica de projetos de vida, de aspirações, de futuro.

Ao ler o comovente final deste livro, imediatamente me veio à memória o desfecho de uma das mais impressionantes narrativas trágicas da literatura mundial. Homero encerra sua famosa *Ilíada* com uma cena magistral da guerra de Troia: enfurecido com a morte de seu amigo, o grego Pátroclo, abatido em combate pelo troiano Heitor, Aquiles parte para o campo de batalha. Tomado pela ira e pelo desejo de vingança, investe contra Heitor e o mata. Depois amarra o

inimigo a um carro puxado por cavalos, arrasta-o pelo pó da planície até o acampamento grego, e ordena que o corpo permaneça insepulto para que cães famintos o devorem. Do alto das muralhas, os troianos assistem a tudo estarecidos. Os deuses do Olimpo também desaprovaram Aquiles, pois Heitor era um homem justo e merecia um sepultamento digno. Mas ninguém se desesperou mais do que Príamo, rei de Troia e pai de Heitor.

Eis então que Homero nos oferece a redenção: guiado por Hermes, o deus dos caminhos, Príamo deixa Troia e vai à procura de Aquiles no acampamento grego. Quando encontra o assassino de seu filho, o velho rei se ajoelha diante do inimigo e suplica: “Dá-me Heitor de volta, Aquiles! Pensa no teu pai, que deve te amar como amei meu filho”. O pranto de Príamo, de fato, faz Aquiles lembrar-se de seu pai, o velho Peleu, que ficara na Grécia e que jamais tornaria a ver. Comovidos, os dois se abraçam e choram juntos, não mais como inimigos, mas como representantes de todos os pais que não verão mais seus filhos e de todos os filhos que não verão mais seus pais.

É do valor da presença, da convivência, do amor pelos nossos filhos ou por nossos pais que lembramos quando nos vem à cabeça a tragédia da Kiss. O livro de Daniela Arbex trata justamente desse tipo de saudade. É um grande inventário de afetos, em que os vestígios de presença humana ainda estão espalhados por toda parte, em objetos que parecem depositários de vida, como um perfume preferido deixado sobre a pia de um banheiro, ou um sapato de salto alto lustrado para

uma festa, ou bilhetinhos com flores e corações pregados na geladeira da cozinha, ou nos quartos mantidos com luzes acesas nas madrugadas de Santa Maria da Boca do Monte. São afetos, sobretudo, perenizados em lembranças doces como a da menina que brincava de beijar peixes para transformá-los em príncipes encantados. O leitor encontrará aqui inacreditáveis exemplos de vilania e de falta de compaixão, mas também surpreendentes gestos de grandeza humana capazes de nos reconfortar. Este livro é uma recusa ao esquecimento. Ao tomá-lo nas mãos, você estará participando do imenso esforço coletivo para fazer da memória um instrumento de conforto e de respeito à dor alheia. Boa leitura.

I. É GUERRA!

O socorrista tirou uma toalha de papel do bolso do macacão azul e passou sobre a testa molhada. Do lado de fora da Unidade de Suporte Avançada (USA 24) do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), ele procurava uma sombra. No início da manhã de sábado, dia 26, fazia 25 graus na sede da avenida Maurício Sirotsky Sobrinho. Logo, logo os termômetros chegariam a quarenta graus no município de Santa Maria, que experimentava um dos verões mais quentes da última década. Difícil acreditar que em pleno centro-oeste do Rio Grande do Sul pudesse fazer tanto calor quanto o registrado no Norte do Brasil. Mas não era só a temperatura que chamava a atenção naquele janeiro de 2013, e sim a falta de ocorrências.

Cobrindo férias de um colega, Carlos Fernando Drumond Dornelles, 34 anos, médico do Samu, viu a semana

de trabalho passar em branco. A USA 24 não fizera sequer um atendimento.

— Bah, doutor, tem algo muito estranho. Nunca vi nada tão parado. Vem alguma coisa por aí — comentou o técnico de enfermagem Felipe Cargnelutti Fontoura, 21 anos.

Formado pela Universidade Luterana do Brasil, Dornelles era avesso a adivinhações. Para quem passara seis meses e 21 dias trabalhando sem folga em missão do Exército entre as vítimas do terremoto no Haiti, que em janeiro de 2010 devastou a capital, Porto Príncipe, ficar parado não era sinônimo de mau presságio. Era apenas uma chance a menos de ajudar alguém. No entanto, ele também sentiu certa desconfiança em relação à ausência de chamadas, pois não estava acostumado a tempos de calma, ainda mais por sete dias consecutivos.

Após cumprir seu plantão no Samu de Santa Maria, o médico intervencionista entregou, às sete horas, o comando ao médico Pedro Copetti Dalmaso, 32 anos.

— Olha, Pedro, não está acontecendo nada. Tudo tranquilo nas últimas vinte e quatro horas.

— Sério, cara? Que estranho — respondeu Pedro, como se tivesse ouvido a conversa iniciada minutos antes de sua chegada.

— Bom trabalho aí pra vocês — afirmou Dornelles, despedindo-se com um sorriso. — Deixe-me ir, porque vou aproveitar o sábado com a Patrícia.

Passava das seis da tarde quando Pedro telefonou para Dornelles.

— Bah, depois de uma semana parada, a USA 24 saiu da sede. Acabamos de atender um baleado — comentou, como se Dornelles tivesse sido o “pé-frio” do serviço.

— Então parece que o caos voltou a Santa Maria — brincou Dornelles, afastando de vez a ideia “de que algo estaria prestes a acontecer”.

Após desligar o telefone, o médico começou a se arrumar para o encontro que havia marcado com dois casais de amigos, um deles também médico do Samu. Ele e a esposa, Patrícia Pelizzon, 29 anos, sabiam que precisavam chegar cedo para encontrar vaga no restaurante de carnes feitas na *parrilla*. E foi em noite regada a muita conversa e cerveja que o jantar aconteceu.

Antes de seguir de volta para casa, o socorrista e a mulher ainda passearam com seu Ford Eco Sport pelas ruas do Centro. O carro novo era uma baita conquista para alguém como Dornelles, que precisara da ajuda do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) para pagar a Faculdade de Medicina. Em 2008, depois de concluir o curso, ele começou a devolver ao governo federal as parcelas investidas em sua formação.

Eram mais de onze da noite quando eles passaram de carro pela porta da boate Kiss, uma das mais concorridas do município, na rua dos Andradas, nº 1.925, no Centro. Naquele horário, a entrada estava vazia. Havia até vaga disponível no estacionamento do supermercado Carrefour, em frente à casa de shows.

Como todo mundo na região, Dornelles sabia que, em uma cidade como Santa Maria — com sete universidades

privadas e uma federal, cujos cursos estão entre os mais disputados do Brasil —, a vida noturna só começaria depois da meia-noite. Tarde demais para um médico que ficava pouco em casa por causa da rotina de plantões.

* * *

No instante em que o celular de Dornelles começou a tocar na madrugada de domingo, o relógio marcava três e meia. Patrícia acordou assustada, sentando na cama:

— O que é isso, Doc? — perguntou, chamando-o pelo apelido. — Quem pode estar ligando a essa hora da madrugada?

O socorrista pegou o aparelho e reconheceu o número gravado em nome de Pedro Copetti.

— O Pedro está me ligando do Samu. Alguma coisa aconteceu.

— Dornelles, pelo amor de Deus, tu estás em São Sepé?
— indagou Pedro, aflito.

— Eu não viajei para a casa dos meus pais este fim de semana. Estou em Santa Maria — disse, acendendo a luz do quarto. — O que está acontecendo?

— Fogo, fogo, cara. Está cheio de gente!

— Calma, Pedro. Onde tu estás?

— Cara, é fogo! Vem pra cá pelo amor de Deus. Uma coisa horrível. Uma tragédia.

— Onde? — insistiu Dornelles, ao perceber a agonia do amigo.

— Na Kiss, na Kiss. Vem pra cá agora, vem pra cá agora!

Patrícia olhou preocupada para o marido. Mesmo estando longe do telefone, ela conseguia ouvir os gritos de Pedro.

— O que está havendo, Doc? Meu Deus do céu!

— Não sei, Patrícia. Eu acho que é um incêndio na Kiss. Deve ser uma coisa muito séria, para o Pedro me ligar — respondeu Dornelles, já procurando no quarto ao lado o macacão azul e as botas pretas, além do material de socorro.

— O que tu queres que eu faça? — perguntou Patrícia, sem coragem de ligar o computador em busca de notícias.

— Chama aquele taxista que nos atende de vez em quando — pediu Dornelles enquanto se vestia.

Antes de sair, ele abriu a geladeira e pegou três croquetes que estavam em uma vasilha de vidro, colocando os bolinhos no bolso do uniforme, um hábito de quem trabalha com situações de emergência e não sabe a que horas voltará para casa.

Minutos depois, um táxi estacionou na porta do prédio da rua Serafim Valandro.

— Tu queres ir para onde?

— Toca para a Kiss — disse Dornelles, que estava a cinco quadras da boate. — Sou médico do Samu.

— Ih, doutor, a coisa lá tá feia. Parece que houve um princípio de incêndio. Tá meio tumultuado, porque tem muita gente na frente. Os bombeiros foram para lá, mas eu acho que não é para tanto desespero — opinou o homem.

— Olha, amigo, eu acho que a coisa é séria. Tu podes andar mais rápido, por favor?

Faltavam cinquenta metros para chegarem à esquina da avenida Rio Branco com a rua dos Andradas quando o motorista parou o carro.

— Aqui é o melhor ponto para o senhor descer. Está muito cheio. Não consigo ir até lá.

Dornelles pagou a corrida de R\$ 8 e saltou do carro. Desceu a Andradas correndo e, de longe, ficou impressionado com a multidão que cercava a entrada da boate. Havia inúmeras pessoas gritando, transtornadas, e vários jovens caídos no chão recebendo massagem cardíaca de outras vítimas em melhor estado. Muita gente chorava. De longe, ele avistou o caminhão dos bombeiros e a ambulância da USA 24, que dispõe de uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI).

— Por onde começo, por onde começo? — perguntava Dornelles a si mesmo, em busca de equilíbrio.

Abrindo espaço entre as pessoas que bloqueavam a calçada, conseguiu chegar até a viatura do Samu, cujas portas traseiras estavam abertas. Naquele momento, Fabiano Miranda, 35 anos, enfermeiro do serviço, colocava um paciente em uma maca dentro do veículo, onde Pedro o aguardava.

— Pedro, o que tu precisas que eu faça?

— Me ajuda aqui, porque tenho que entubar este garoto.

Dornelles olhou para o rapaz, tão jovem, e percebeu que ele estava gaspeando, com a respiração espumante, na iminência de sofrer uma parada cardíaca.

— Tenho que entubar este garoto — repetiu Pedro para Dornelles.

— Eu preparo o material — disse o médico recém-chegado, pegando um tubo no carro.

Pedro endoscopou o paciente, entubou, Dornelles tirou a guia e colocou o ambu, ventilador artificial acionado manualmente. Enquanto os dois médicos prestavam socorro ao jovem, frequentadores da boate invadiram a ambulância, acomodando lá dentro pessoas em estado grave. Impactado com a cena, Dornelles iniciou o atendimento, identificando dois mortos entre as vítimas. Pediu que os corpos fossem retirados, a fim de dar lugar aos vivos, mas os jovens não aceitaram a constatação médica.

— Infelizmente, eles estão mortos — insistiu. — Não há o que fazer.

— Olha essa menina, doutor. Está rosada e quente. Como você diz que ela morreu? — questionou um adolescente, exaltado.

A coloração rosada da pele é típica dos casos de asfixia por monóxido de carbono, um dos gases mais comuns em incêndios estruturais, ou seja, ocorridos em locais fechados, como na Kiss. Todavia, qualquer explicação dessa natureza não fazia sentido àquela hora. Ao perceber que, naquelas condições, não conseguiriam salvar os pacientes que ainda estavam vivos, Dornelles pediu ao motorista do Samu, Gilnei da Silva, cinquenta anos, e ao enfermeiro Fabiano que levassem todas as vítimas — cinco no total — para a unidade hospitalar mais próxima. Foram para o bairro Nossa Senhora de Fátima, onde fica o Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo, uma referência na cidade.

Assim que a ambulância saiu, Dornelles se deu conta de que o material de socorro tinha ficado lá dentro. Apenas

com o estetoscópio nas mãos, ele foi ajudar colegas de outras três equipes do Samu, que soma um total de 48 profissionais, embora nem todos estivessem de serviço no dia.

O médico começou a atender os sobreviventes na rua; porém, àquela altura, já havia mais de cinco pessoas sem vida no asfalto. Quando examinou a boca de uma das vítimas, uma garota, levou um susto: uma fumaça preta saía de sua garganta. Os olhos estavam completamente brancos, queimados.

Alguns rapazes carregados até a calçada vestiam somente cueca e camisa, indicando o esforço que haviam feito para tentar se desvencilhar da massa humana e chegar até a porta da Kiss. A maioria, no entanto, não esboçava reação e não sabia explicar por que estava sem parte das roupas. Jovens morriam na frente de todos, uma cena insuportável até mesmo para quem fora treinado para enfrentar situações-limite.

Capacitado no atendimento a múltiplas vítimas, Dornelles achava que já tinha visto de tudo nos meses em que socorrera sobreviventes no Haiti. Atendera pessoas mutiladas, combatera doenças infecciosas, como malária e febre amarela, lidara com o estresse pós-traumático dos que chegavam ao Hospital de Campanha da Força Aérea. Vira homens que esperavam quatro horas em pé na fila do atendimento médico não para receber consulta ou medicamento, mas para implorar um prato de comida. Naqueles seis meses, ele mesmo perdera 22 dos 103 quilos que pesava.

O episódio que testemunhava em Santa Maria, contudo, ia muito além de um desastre natural. Era uma tragédia hu-

mana, cujos culpados ele ainda desconhecia. Embora não fizesse a menor ideia do que teria acontecido no interior da casa noturna, Dornelles tinha certeza de que aquela madrugada de domingo, marcada pelo barulho ensurdecedor das sirenes, mudaria para sempre a sua vida, a história da cidade e, quem sabe, a do país. Pensaria sobre isso depois. Agora era hora de ajudar a salvar os feridos.

* * *

Quando recebeu a primeira informação sobre um “princípio de incêndio na Kiss”, às 3h20 de domingo, o comandante de Socorro do Quartel do Corpo de Bombeiros de Santa Maria, no Centro, sargento Robson Viegas Müller, 44 anos, imaginou tratar-se de um evento de pequeno porte causado por uma pane elétrica ou algum problema com um reator. Afinal, o que poderia queimar em uma boate? Talvez mesas e cadeiras. Mas, como várias ligações foram recebidas nas cinco linhas telefônicas da Sala de Operações do quartel, o alarme tocou quase imediatamente no alojamento.

Naquele momento, havia duas viaturas na guarnição: um caminhão de combate e um carro de resgate. Müller saiu no primeiro carro — o de combate — na companhia do motorista. Outros dois bombeiros seguiram no de resgate. Seis alunos ainda em formação acompanharam a ocorrência, contudo não estavam aptos a atuar em uma situação de risco como aquela. Em três minutos os veículos chegaram ao local do incêndio. Desfalcada, a equipe do quartel do Centro foi surpreendida pelo cenário de guerra na rua dos Andradas.

Na madrugada em que ninguém na região dormiu, centenas de pessoas estavam na rua — muitas delas, em choque, andavam sem rumo. Ao avistar a fumaça preta que saía da boate, Müller, há 26 anos no Corpo de Bombeiros, já sabia, pela sua cor, que havia um alto grau de toxicidade no ambiente. Qualquer minuto a mais significava vidas a menos a salvar. Guardou para si a impressão, mas pressentiu que haveria muitos mortos no interior da casa noturna, talvez uns quinze. Ele imaginava que a maioria dos frequentadores já tivesse saído lá de dentro.

— Bombeiro, tem gente, tem gente — gritou um rapaz para Müller, apontando na direção da boate.

— Quantas pessoas tu achas que ainda tem lá? — perguntou o comandante de Socorro.

— O dobro daqui de fora.

Müller gelou. Olhou a multidão ao redor, cerca de trezentas pessoas, sem acreditar que haveria duas vezes mais lá dentro.

— Como o dobro? Não pode ser! Essa boate é pequena — argumentou, tentando não demonstrar o pavor que sentiu.

E, virando-se para a equipe, composta apenas por mais três profissionais, gritou:

— Vamos lá!

Os alunos do Corpo de Bombeiros pegaram então as mangueiras para proteger o grupo que entraria na boate, caso o fogo chegasse até a porta, ainda que nenhuma chama estivesse sendo vista. Enquanto o pessoal do resgate colocava o equipamento de proteção respiratória, Müller foi para a viatura fazer contato com a Central, via rádio.

— Precisamos de reforço. Manda vir, urgentemente, a viatura do Parque Pinheiro Machado — pediu o sargento, acrescentando que fossem convocadas todas as ambulâncias da cidade.

Além das do Samu, cujo primeiro acionamento ocorrera às 3h28, deveriam ser chamadas até as que prestavam serviços médicos particulares ou conveniados, inclusive as ambulâncias do Hospital de Guarnição do Exército. Ele solicitou também que fosse feito contato com a Base Aérea de Santa Maria (BASM).

Na prática, com o reforço da guarnição do Parque Pinheiro Machado — que estava com um motorista e dois combatentes —, o Corpo de Bombeiros de Santa Maria contaria com sete homens, incluindo os motoristas, para atender ao evento, descontando os seis alunos. Além de um déficit histórico no efetivo, havia uma redução de 30% nos quadros de trabalho, devido ao deslocamento de pessoal para os balneários durante a Operação Golfinho, realizada na temporada de verão.

Para ajudar os colegas, Müller lançou mão de uma das oito ampolas de oxigênio levadas para a Kiss. Sabia que cada uma significava apenas dez minutos para um salvamento, tempo máximo de duração do oxigênio disponível no equipamento em condições como aquela. Outras oito ampolas carregadas ficaram no quartel, mas, naquele momento, ele perderia um homem e vinte minutos, em média, para buscá-las. Quase quinze minutos após o início do incêndio, o resgate foi iniciado “às cegas”, devido à densidade da fumaça.

Entrando na boate sem enxergar nada, apesar da lanterna que carregava, o sargento se deparou com uma muralha

humana após cruzar a porta que ligava o hall ao salão. As vítimas estavam empilhadas umas sobre as outras, e para chegar até elas ele precisou ir Tateando. Sem ter como determinar quem estava vivo ou morto — em função do grande número de pessoas inconscientes —, o bombeiro voltou para a porta de entrada da Kiss e berrou, dirigindo-se aos alunos da guarnição do Centro:

— Precisamos clarear aqui dentro. Providenciem um holofote!

Novamente dentro da boate, o sargento não ouvia gritos de socorro. Descobriu, entretanto, que havia pessoas vivas, porque se agarravam aos pés e às pernas dos bombeiros. Müller tentou puxar o braço de uma menina que esboçava alguma reação, porém outras duas pessoas estavam sobre ela.

— Não consigo puxar — disse ele, buscando outra vítima que pudesse ser salva primeiro.

O nervosismo da equipe reduzida e o peso da ampola do cilindro de oxigênio — cerca de oito quilos — dificultavam o resgate. Para piorar, o calor intenso e a obstrução do hall de entrada da boate pelo empilhamento de gente comprometeram uma incursão de salvamento para além da porta interna de acesso ao salão. Na prática, quem não conseguiu chegar até o funil da única saída, bloqueada por grades de ferro usadas irregularmente na organização das filas de entrada, não tinha a menor chance de ser salvo. A ordem expressa foi então arrastar o maior número de pessoas — vivas ou mortas — para fora.

* * *

O doutorando em Veterinária pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Gustavo Calvin Cadore, 31 anos, deixou a Kiss em estado de entorpecimento. Em seguida, desmaiou na rua. Ao retomar os sentidos, ele mal conseguia falar. Chorando muito, sentou-se na calçada perto de onde os mortos estavam sendo colocados.

— Gustavo, eu vou buscar água — disse uma amiga.

Quando a jovem retornou, o médico veterinário já não estava lá. Tinha saído andando desorientado, como outros, depois de sentir um incômodo nos braços.

— Magrão, está saindo fumaça dos seus braços — avisou um desconhecido.

Apavorado, o rapaz jogou a água que bebia no corpo do veterinário, sem se dar conta de que agravaria a situação de Gustavo.

— Cara, a tua pele está caindo — alertou novamente o desconhecido.

Gustavo olhou os próprios braços e tentou acalmar o jovem.

— Não, cara, isto aqui é a minha camisa que deve ter rasgado durante o tumulto.

— Não, cara, tu estás sem camisa!

A angústia na voz daquele rapaz fez Gustavo prestar atenção em si mesmo. Próximo a um poste de luz, conseguiu se enxergar pela primeira vez, percebendo que a pele de seu braço estava presa apenas pelo pulso. Por um instante, pareceu a pequena Kim Puch, vítima da Guerra do Vietnã, cujo povoado fora atingido 41 anos antes por um bombardeio. Só que o corpo de Gustavo estava sendo consumido não por

queimaduras provocadas por bombas de napalm, conforme mostra a famosa foto de Kim, mas pela onda de calor a que fora exposto dentro da boate minutos antes.

Como não sentia dor, Gustavo reuniu forças para procurar o amigo que estava com ele dentro da Kiss na hora em que o incêndio começara. Ao se aproximar da porta da casa noturna, foi contido por outro sobrevivente.

— O que tu estás fazendo aí, cara? Estás todo queimado! Corre para o hospital.

— Eu preciso achar um amigo.

— Cara, já faz uns cinco minutos que não está mais saindo ninguém vivo daí. Os que são retirados estão inconscientes ou mortos. Se tu quiseres mesmo ajudar, pegas uma ambulância e vais para o hospital.

Mecanicamente, Gustavo subiu a rua dos Andradas. Foi abordado por um casal que insistiu para que ele procurasse socorro. O veterinário relutava:

— Deixa a ambulância para quem está mal — respondeu, apontando para o grande número de pessoas desmaiadas em via pública.

— Tu estás mal — insistiu o rapaz, acompanhando o veterinário até uma das ambulâncias estacionadas na rua.

Gustavo pediu licença, sentou-se no chão da viatura e esperou para ser retirado da região onde, minutos antes, pensou que morreria.

* * *

Quase meia hora depois do início do incêndio na boate, ainda não havia nenhum isolamento da área em que meninas

andavam descalças e sem direção. Na rua, por todo lado, era possível ver sapatos de salto alto esquecidos. O ir e vir continuava desordenado, e, por mais duro que fosse constatar, os bombeiros não contavam com gente suficiente para controlar o fluxo nem conseguiam fazer o resgate sozinhos. Dezenas de civis participavam do salvamento, carregando para fora as vítimas até o hall de entrada.

— Respira, respira — gritava um jovem que realizava manobras de ressuscitação em um amigo que saiu caminhando da Kiss, mas acabou caído no asfalto.

— Cadê o Fernando? Cadê o Fernando? — berrava uma mulher para um sobrevivente que havia acabado de reencontrar.

— Não sei. Todo mundo sumiu — respondeu o jovem, atordoado.

Após dez minutos de salvamento, os cilindros usados pelos bombeiros começaram a apitar, anunciando o fim do oxigênio. Quem aguentou, continuou a tarefa sem o equipamento. Um bombeiro passou mal e precisou ser atendido na calçada. Difícil avaliar a quantidade exata de gente retirada pelos combatentes em meio à barreira de corpos. O comandante de Socorro do Quartel do Corpo de Bombeiros do Centro acreditava ter resgatado entre noventa e cem pessoas.

Quando duas equipes de bombeiros da Base Aérea chegaram à boate, já haviam se passado mais de quinze minutos de salvamento. Acreditando que seu apoio seria mais útil do lado de fora da casa noturna, o grupo permaneceu na calçada, atendendo as vítimas. Aflitos diante da quantidade de

gente que ainda estava lá dentro, jovens frequentadores da boate em melhores condições de saúde do que outros decidiram voltar ao seu interior sem que ninguém os impedisse. De calça jeans, com a camisa amarrada no rosto na tentativa de evitar a inalação da fumaça, voluntários que se salvaram receberam jatos d'água vindos da mangueira dos bombeiros para amenizar o calor intenso dentro da Kiss, superior a trezentos graus perto do palco, onde o fogo começara.

Ao perceber que tudo estava fora de controle, o estudante de Educação Física Ezequiel Lovato Corte Real, 23 anos, também quis voltar. Dentro da boate, sem nenhum equipamento de proteção, ele esbarrou em um grupo de meninas que se mexiam. Percebeu que não conseguiria removê-las, por estarem embaixo de uma pilha de gente. Impressionado, ele se lembrou de cenas da Segunda Guerra Mundial. Puxou primeiro uma vítima masculina, um rapaz maior do que ele, levando-o para fora da casa noturna. Não sabia, mas carregava no colo o universitário Bruno Kräulich, de 28 anos. Pós-graduando do curso de Agronomia da UFSM, Bruno já estava em óbito quando foi socorrido por Ezequiel. Ao entrar novamente na Kiss, o voluntário conseguiu resgatar outras pessoas, embora não soubesse quantas estavam vivas. Fez várias incursões na boate incendiada, sendo um dos últimos a deixar o local. Diferentemente de Ezequiel, pelo menos cinco rapazes que retornaram à boate não conseguiram sair.

Meia hora depois de a primeira equipe de bombeiros chegar ao local, ninguém mais foi retirado da Kiss com vida. No

momento em que a operação de salvamento foi encerrada, restava muita fumaça no interior da casa noturna. Dezenas de jovens não aceitaram o término dos trabalhos e buscaram no caminhão dos bombeiros ferramentas capazes de quebrar a parede da boate, como picão e pá. Juntos, começaram a destruir a madeira da fachada, que logo veio ao chão. Depois, contando com a ajuda de alunos do Corpo de Bombeiros, usaram as ferramentas para arrebentar a janela, vedada como todas as outras. Estouraram os vidros até conseguirem fazer um buraco na parede. Alguns civis usaram a abertura para tentar — sem êxito — retirar pessoas. Um dos voluntários que participou da demolição da fachada não resistiu à intoxicação, morrendo mais tarde.

Como não havia espaço para a entrada de oxigênio na Kiss, já que todas as suas aberturas haviam sido ilegalmente fechadas para impedir o vazamento de som, as chamas tinham permanecido sob controle. Mas quando o teto foi aberto pelos bombeiros para a saída da fumaça, a entrada de ar alimentou o fogo, que precisou ser novamente combatido. Havia o risco de desabamento e de outras edificações serem atingidas pelas chamas. Por precaução, essas possibilidades precisavam ser afastadas antes de liberarem a entrada na casa noturna.

Passava das quatro e meia da manhã quando o sargento Müller conseguiu, finalmente, acessar todo o interior da boate. No salão principal, ele contou cerca de dez corpos, e oito nos fundos da Kiss. Apesar da gravidade do caso, sentiu alívio ao imaginar que entre os cerca de 1.100 fre-

quentadores naquela noite — a capacidade máxima era de 769 pessoas —, quase todos tinham saído ilesos.

— Sargento, dá uma olhada aqui — chamou um combatente, apontando na direção dos banheiros masculino e feminino, próximos à entrada da boate.

Müller seguiu o colega e foi tomado pelo espanto ao observar a entrada dos toaletes. Para se proteger da fumaça ou achar a saída, que ficara às escuras durante o incêndio, muitos jovens acabaram encurralados nos banheiros, único local onde uma luz de emergência permaneceu acesa. Muitos foram pisoteados. Todos morreram asfixiados.

Diante da pilha de corpos, o sargento sentiu as forças de seus braços esvaírem. Percebeu que homens e mulheres haviam morrido entrelaçados uns aos outros, caídos entre as portas arrancadas dos sanitários individuais na tentativa alucinada de buscar ar na janela do basculante — que também estava lacrada.

Nenhum treinamento o havia preparado para lidar com a dor que sentiu no momento em que se viu tomado pelo mais humano dos sentimentos: a compaixão.

— Nós não salvamos ninguém — repetia, em choque. — Não salvamos ninguém.

Da autora de *Holocausto brasileiro*, best-seller com mais de 300 mil exemplares vendidos, e *Cova 312*. Ganhadora de três prêmios Esso e dois prêmios Jabuti na categoria livro-reportagem.

“Daniela Arbex, que já se mostrara excepcional repórter e historiadora em *Holocausto brasileiro* e *Cova 312*, faz um trabalho de reconstituição que dá vida a histórias que, na pressa da cobertura jornalística diária, nem sempre é possível publicar com a visibilidade que merecem. São histórias de negligência e ganância de um crime ainda impune. Mas são, antes de tudo, histórias de dor, de compaixão, de solidariedade e de heroísmo.”

Marcelo Beraba, diretor do *Estadão* em Brasília e conselheiro da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

“É do valor da presença, da convivência, do amor pelos nossos filhos ou por nossos pais que lembramos quando nos vem à cabeça a tragédia da Kiss. O livro de Daniela Arbex trata justamente desse tipo de saudade. É um grande inventário de afetos, em que os vestígios de presença humana ainda estão espalhados por toda parte, em objetos que parecem depositários de vida, como um perfume preferido deixado sobre a pia de um banheiro, ou um sapato de salto alto lustrado para uma festa, ou bilhetinhos com flores e corações pregados na geladeira da cozinha, ou nos quartos mantidos com luzes acesas nas madrugadas de Santa Maria da Boca do Monte.”

Trecho do prefácio de Marcelo Canellas, repórter especial da TV Globo

